

A portrait of Ricardo Barbosa, a man with short dark hair and a light beard, wearing a black tuxedo jacket, a white dress shirt, and a white bow tie. He is holding an oboe and looking towards the camera with a slight smile. The background is a blurred interior of a concert hall with recessed ceiling lights.

RICARDO BARBOSA

MÚSICO HOMENAGEADO 2015



APRESENTAÇÃO
POR ARTHUR NESTROVSKI

_____ 2

DO FUNDO DO BAÚ
FOTOGRAFIAS

_____ 4

MORDIDO PELO OBOÉ
ENTREVISTA COM RICARDO BARBOSA

_____ 6



APRESENTAÇÃO

Em 2010, a Fundação Osesp inaugurou seu projeto anual de homenagens a um músico, representando todos os demais. O primeiro foi o *spalla* Cláudio Cruz, seguido pelo oboísta Arcádio Minczuk. Em 2012, os músicos estrangeiros da Osesp, em especial, receberam uma homenagem na figura do violinista Lev Veksler e, em 2013, foi a vez do trompetista Gilberto Siqueira e da percussionista Elizabeth Del Grande, ambos na orquestra desde 1973. No ano passado, o Coro da Osesp completou 20 anos de existência e a homenageada foi a contralto Mariana Valença.

Em 2015, escolhemos um dos músicos mais jovens da Orquestra, o oboísta Ricardo Barbosa, representando em especial as novas gerações de instrumentistas da Osesp e ainda mais especialmente os membros da Academia da Osesp. Ricardo entrou na Academia em 2009 e, dois anos depois, tornou-se membro da Orquestra.

Criada em 2006, a Academia da Osesp oferece a jovens músicos a possibilidade de se aperfeiçoarem em seus instrumentos, em condições comparáveis às das maiores instituições de ensino de música no mundo. Agradados com uma bolsa e com auxílio-moradia e acompanhados de perto por músicos da Osesp, eles têm aulas de instrumento, teoria musical, história da música, redação e inglês. Ganham acesso às salas de estudo e de ensaio da Sala São Paulo e podem assistir a ensaios e apresentações da Orquestra.

Os frutos desses investimentos não tardaram a vir e já beneficiam o panorama musical brasileiro como um todo. Basta dizer que muitos alunos formados pela Academia da Osesp passaram a integrar não só a própria Osesp, mas várias das principais orquestras do país, roteiro que deverá ser repetido pelos futuros formandos do Coro Acadêmico, que em 2014 completou seu segundo ano de atividade.

Homenagear um ex-academista é também chamar a atenção para o empenho da Fundação Osesp em incentivar a formação de músicos brasileiros. Essa escolha deve ser compreendida num contexto mais amplo de atividades em prol da nossa música e dos nossos músicos: desde a encomenda regular de obras a compositores brasileiros (pelo menos seis por ano), passando pela gravação de música bra-

sileira — desde Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Mignone, até autores do nosso tempo, como Gilberto Mendes, Aylton Escobar e Almeida Prado (no nosso Selo Digital, com *downloads* gratuitos) —, sem falar na atuação dos coros Infantil e Juvenil, na promoção de *masterclasses* com artistas visitantes e músicos da própria Osesp, e nas ações educativas do projeto Descubra a Orquestra na Sala São Paulo, que atingem a cada ano dezenas de milhares de crianças e professores por meio de concertos didáticos, gincanas musicais e ensaios abertos.

Há também o Falando de Música (breves aulas de introdução ao repertório, com entrada franca para quem já tem ingresso para o concerto); o Curso Livre de Metais (com foco em obras de grande importância para a formação de músicos de orquestra); e o Passe Livre Universitário (programa que oferece, aos universitários previamente cadastrados, a possibilidade de assistir gratuitamente aos concertos da Temporada Osesp na Sala São Paulo).

São algumas dentre muitas ações que contribuem para o adensamento do sistema musical no país e que permitem que trajetórias como as de Ricardo Barbosa se tornem cada vez mais possíveis. Já como academista, Ricardo conquistou uma bolsa por seu desempenho no Festival de Campos de Jordão de 2010 e pôde dar continuidade aos estudos na prestigiosa Escola Superior de Música de Colônia, onde não fez por menos: destacou-se como um dos melhores alunos da instituição, vencendo os principais concursos ali promovidos. É responsável ainda por mais um feito notável: a conquista do terceiro lugar no prestigioso Concurso Internacional Primavera de Praga, no ano passado.

Ricardo é um músico que alia o rigor e a seriedade dos grandes instrumentistas com a inquietação própria dos verdadeiros artistas. Daí seu interesse pelo repertório contemporâneo, tanto como intérprete quanto como professor — características que compartilha com a nossa Orquestra. Aos 30 anos, Ricardo vive sua primavera como músico — e traz energia vital para todos nós. Que venham mais Ricardos!

ARTHUR NESTROVSKI é o Diretor Artístico da Osesp.

DO FUNDO DO BAÚ

FOTOGRAFIAS



COM A FANFARRA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (RICARDO É O SEGUNDO DA DIREITA PARA A ESQUERDA, NA PRIMEIRA FILA)



COM ALEXANDRE BARROS, O PRIMEIRO PROFESSOR DE OBOÉ



COM OS AMIGOS DO TRIO CANTABILE: RAFAEL HIROCHI E MARCOS TAVEIRA, NO FESTIVAL DE MÚSICA DA BASÍLICA, EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO, EM 2006



NA SEXTA ELIMINATÓRIA DO CONCURSO *PRELÚDIO*, EM 2009



INTERPRETANDO O *CONCERTO PARA OBOÉ*, DE RICHARD STRAUSS, NA FINAL DO CONCURSO INTERNACIONAL PRIMAVERA DE PRAGA, EM 2014





MORDIDO
PELO
OBOÉ

ENTREVISTA COM
RICARDO BARBOSA

Nascido em Birigui, em 1984, Ricardo Barbosa morou em São Caetano do Sul até os sete anos, quando mudou-se com a família para São José do Rio Preto, onde ficaria até se instalar em São Paulo, já como acadêmico, em 2009. No mesmo ano, venceu o concurso *Prelúdio*, promovido pela TV Cultura, e, desse momento em diante, sua carreira foi meteórica. Premiada no Festival de Campos de Jordão de 2010, obteve uma bolsa para estudar na Escola Superior de Música de Colônia, pela qual está prestes a se tornar doutor. No ano passado, conquistou o terceiro lugar no prestigioso Concurso Internacional Primavera de Praga.

Ricardo também é membro da Camerata Aberta e professor de oboé da Emesp, com ênfase em repertório contemporâneo. Na entrevista a seguir, ele conta um pouco de sua trajetória na música, das fanfarras de São José do Rio Preto ao primeiro prêmio no concurso de oboé em Colônia, às margens do Reno.

Podemos começar por suas primeiras experiências com música?

Eu devia ter seis anos quando um vendedor de flauta doce visitou minha escola em São Caetano do Sul. Fiz birra até meu pai aceitar me comprar a flauta, que vinha com uma espécie de cartilha com as posições, e fui aprendendo sozinho. Alguns anos depois, quando já morávamos em Rio Preto, uma professora de educação artística passou a oferecer aulas de flauta doce no período complementar. Fiz algumas aulas e, quando a escola decidiu montar uma fanfarra, imediatamente me inscrevi. Passei a tocar corneta, que o pessoal chamava de cornetão. É um instrumento bem rudimentar: tem um bocal de trombone, mas sem pisto — só dá para tocar a série harmônica. Uma fanfarra tem que ter pelo menos três cornetões, cada um num tom diferente, para que juntos possam decompor a melodia e tocar todas as notas de uma escala. Parece meio maluco, mas é muito comum no Brasil.

Então seu começo na música foi como autodidata?

Pois é, mas uma coisa foi levando a outra: acabei entrando para duas bandas, nas quais passei a tocar trompete. Quando completei 13 anos, percebendo meu envolvimento com música, meus pais propuseram que me inscrevesse no Conservatório Amadeus

Mozart, em Rio Preto. Tem uma história engraçada: meu pai achava que eu fazia muito esforço tocando trompete, ficava vermelho, enfim. Por isso, sugeri que eu escolhesse outro instrumento; e assim passei a estudar saxofone.

Um verdadeiro périplo pelos instrumentos de sopro...

E não chegamos ainda no oboé! Logo que entrei no conservatório, passei a estudar bastante, coisa de três horas por dia, e fui progredindo rapidamente. Em pouco tempo, já estava tocando em casamentos e outras festas, ganhando um dinheirinho. Certo dia, no carro, a caminho de um ensaio, um colega colocou uma fita com várias trilhas de filmes. Numa passagem, o som do instrumento solista me chamou a atenção. Perguntei o que era e me disseram: um oboé. Fiquei intrigado, fiz várias perguntas, gostei demais. Por acaso, Jonas Schneck, meu professor de saxofone, tinha um oboé, que havia ganhado da irmã, e estava praticamente intocado.

Quer dizer que o oboé “te mordeu”.

É isso mesmo. Acabei comprando esse oboé do meu professor, no dia em que completei 16 anos. O dinheiro que havia ganhado tocando em casamentos dava para pagar a metade, e meu pai me ajudou com o restante. Durante um ano, estudei com Alexandre Barros, que era primeiro oboé da Sinfônica de Ribeirão Preto e hoje tem o mesmo cargo na Filarmônica de Minas. Quase toda semana, viajava três horas até Ribeirão para ter aulas particulares. Aprendi o básico sobre fazer palhetas e cheguei a estudar o célebre *Concerto em Ré Menor*, de Albinoni.

Então o apoio da sua família foi bastante importante?

Sim, claro. Mas tanto meu pai quanto minha mãe são contadores e, na hora de me decidir por uma faculdade, eles insistiram que eu estudasse algo que me desse um futuro profissional menos incerto do que a música. Acabei seguindo a tradição familiar: me formei bacharel em ciências contábeis e, em 2006, fui estagiar no escritório de um tio. Durante os anos de faculdade, parei de ter aulas de oboé, mas incorporei o instrumento nas apresentações que fazia em casamentos e festas.

Houve então uma circunstância muito especial. Num dos raros festivais de música que aconteciam



COM O PROFESSOR JOEL GISIGER, DA ACADEMIA DA OSESP

em Rio Preto, tive a oportunidade de tocar com um grupo de amigos para Paulo Arantes, primeiro oboé na Ópera de Nuremberg. Ele disse algo que nunca esqueci: que, se me dedicasse, poderia ir estudar na Alemanha. Quase me *obrigou* a ir estudar em São Paulo e escreveu para Joel Gisiger, primeiro oboé da Osesp, me recomendando. Fui aceito na ULM (atual Emesp) e passei a vir semanalmente a São Paulo, estudar com Joel. Saí do escritório de contabilidade e mergulhei na prática diária do instrumento.

E como foi seu ingresso na Academia da Osesp?

No final de 2008, Joel sugeriu que eu prestasse o teste para a Academia. Decidi encarar o desafio e, felizmente, fui aceito: foi aí que o caminho da música realmente se tornou irreversível. Com a bolsa da Academia e a possibilidade de morar num *flat*

alugado para os academistas, pude me mudar para cá. Foi um período muito bom: chegava na Sala São Paulo às nove da manhã, me enfiava numa das salas de estudo e só saía de lá às dez da noite. Estudei para valer.

Em setembro de 2009, Joel propôs que eu fizesse um concerto com a Osesp, na temporada de assinaturas: uma encenação da ópera *O Cavaleiro da Rosa*, de Richard Strauss, com regência de Richard Armstrong. Foi inesquecível, não só pela oportunidade de tocar com a orquestra pela primeira vez, mas também pelas características dessa apresentação. Como não há fosso na Sala São Paulo, os músicos ficaram bem próximos uns dos outros, no fundo do palco, para deixar espaço para os cantores encenarem. Com a luz mais baixa, também por conta da encenação, acabou sendo uma situação favorável, bem aconchegante.



E quanto ao projeto de estudar na Alemanha?

Desde 2007, participava todo ano do Festival de Inverno de Campos de Jordão e, em 2010, tive a felicidade de vencer o Prêmio Eleazar de Carvalho. Com isso, ganhei uma bolsa de estudos para estudar fora do Brasil. No Festival, havia tido aulas com Christian Wetzel, um grande oboísta que é professor na Escola Superior de Música de Colônia, e ele disse que me aceitaria como seu aluno na Alemanha.

É engraçado como as coisas nunca ocorrem da maneira mais simples. No final daquele mesmo ano, abriu uma vaga para segundo oboé na Osesp, e fui aprovado. Eram duas grandes conquistas e tive receio de ter que abrir mão de uma das duas. Já como membro da Osesp, redigi uma carta em que contava minha trajetória na música e meu projeto dali em diante: me licenciar para fazer mestrado em Colônia, voltando para o Brasil nos longos períodos de férias na Alemanha, que coincidiam com períodos de atividade da orquestra. Conversei com meus colegas de naipe, a quem entreguei cópias da carta. Também dei cópias à gerência e à direção da orquestra, artística e executiva. Para minha alegria, meu projeto foi aceito, e pude conciliar o aprofundamento de meus estudos com o desenvolvimento de uma carreira numa orquestra de excelência, a Osesp.

Sua carreira avançou a passos largos. Qual é o balanço que faz de tudo o que aconteceu nesses últimos anos?

Acho que nesse momento começo a entender o significado de ser músico da Osesp, como se um primeiro ciclo se concluísse. No ano passado, foi a primeira vez que toquei numa temporada do começo ao fim; já participei de duas turnês — uma pela Europa e outra, no aniversário de 60 anos da orquestra, por cinco capitais brasileiras —, participei de gravações, das séries de música de câmara, do projeto itinerante pelo interior do estado... É bastante trabalho, ainda mais considerando que tudo é feito tendo em mente o mesmo nível de excelência. E é uma bela recompensa para todas as horas de estudo do instrumento e de confecção de palhetas.

Qual é sua expectativa para o concerto em que interpretará com a Osesp Le Tombeau de Couperin, de Ravel?

É uma baita responsabilidade: vou me sentar na cadeira do primeiro oboé da Osesp, cargo ocupado pelo

Joel, que foi meu professor, e pelo Arcádio Minczuk, dois grandes instrumentistas. *Tombeau* é como um concerto para oboé — cheio de solos, com passagens muito rápidas, intervalos de difícil execução. É muito comum que trechos de *Tombeau* façam parte do repertório dos testes de orquestra para contratação de oboístas. E, mais que tecnicamente difícil, é uma peça maravilhosa. Vai ser uma honra e um enorme prazer tocá-la com a Osesp.

Entrevista a RICARDO TEPERMAN.

ORQUESTRA SINFÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR

MARIN ALSOP

REGENTE ASSOCIADO

CELSO ANTUNES

DIRETOR ARTÍSTICO

ARTHUR NESTROVSKI

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

FÁBIO COLLETTI BARBOSA

VICE-PRESIDENTE

HEITOR MARTINS

CONSELHEIROS

ALBERTO GOLDMAN

ANTONIO QUINTELLA

HELIO MATTAR

JOSÉ CARLOS DIAS

LILIA MORITZ SCHWARCZ

MANOEL CORRÊA DO LAGO

SÁVIO ARAÚJO

CONSELHO DE ORIENTAÇÃO

PEDRO MOREIRA SALLES

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CELSO LAFER

HORACIO LAFER PIVA

JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES NETO

CONSELHO FISCAL

JÂNIO GOMES

MANOEL BIZARRIA GUILHERME NETO

MIGUEL SAMPOL POU

CONSELHO CONSULTIVO

ANTONIO CARLOS CARVALHO DE CAMPOS

ANTONIO CARLOS VALENTE DA SILVA

ANTONIO PRATA

AUGUSTO LUIS RODRIGUES

DENISE FRAGA

DRAUZIO VARELLA

EDUARDO GIANNETTI

EDUARDO PIRAGIBE GRAEFF

EUGÊNIO BUCCI

FÁBIO MAGALHÃES

FRANCISCO VIDAL LUNA

GUSTAVO ROXO FONSECA

HELOISA FISCHER

JAC LEIRNER

JAYME GARFINKEL

JOÃO GUILHERME RIPPER

JOSÉ HENRIQUE REIS LOBO

JOSÉ PASTORE

JOSÉ ROBERTO WHITAKER PENTEADO

LORENZO MAMMÌ

LUIZ SCHWARCZ

MONICA WALDVOGEL

NELSON RUSSO FERREIRA

PAULO ARAGÃO

PEDRO PARENTE

PERSIO ARIDA

PHILLIP YANG

RAUL CUTAIT

RICARDO LEAL

RICARDO OHTAKE

SÉRGIO ADORNO

STEFANO BRIDELLI

TATYANA FREITAS

THILO MANNHARDT

VITOR HALLACK

WILLIAM VEALE

ZÉLIA DUNCAN

DIRETORIA EXECUTIVA

MARCELO LOPES DIRETOR EXECUTIVO

FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA SUPERINTENDENTE

O CONTEÚDO DAS NOTAS DE PROGRAMA
É DE RESPONSABILIDADE DE SEUS RESPECTIVOS AUTORES

EDIÇÃO FINALIZADA EM
23 DE MARÇO DE 2015

EDITOR
RICARDO TEPERMAN

SUPERVISÃO EDITORIAL
FERNANDA SALVETTI MOSANER

REVISÃO
LUIZ FUKUSHIRO

PROJETO GRÁFICO
FUNDAÇÃO OSESP

DIAGRAMAÇÃO
IZABEL MENEZES

A OSESP ENVIDOU TODOS OS ESFORÇOS PARA LICENCIAR AS
IMAGENS E TEXTOS CONTIDOS NESTA EDIÇÃO. TEREMOS PRAZER
EM CREDITAR OS PROPRIETÁRIOS DE DIREITOS QUE PORVENTURA
NÃO TENHAM SIDO LOCALIZADOS.

CRÉDITOS
ACERVO RICARDO BARBOSA
RODRIGO ROSENTHAL





APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO



ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP



Ministério da
Cultura



SALA SÃO PAULO
FUNDAÇÃO OSESP
PRAÇA JÚLIO PRESTES, 16
T 11 33679500

OSESP.ART.BR